

ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO DO BRASIL *

ARTUR HEHL NEIVA

Presidente da Comissão de Geografia
Humana do C. N. G.

Devo à cativante gentileza de CHRISTOVAM LEITE DE CASTRO a oportunidade de vir falar-lhes, hoje, a respeito dos aspectos geográficos do problema da imigração e da colonização. É para mim uma grande honra comparecer a esta reunião para realizar uma palestra; devo, entretanto, assinalar o quanto êste ensejo me torna temeroso, tendo em vista o fato de não me considerar geógrafo e vir, contudo, expor de maneira singela alguns pontos relacionados com a geografia, perante especialistas tão eminentes como os que se acham aqui reunidos. Se o ousei é porque reputo as questões de imigração e colonização da mais fundamental importância para o Brasil, como aliás já o vêm sendo desde o período da sua descoberta, convindo assim que sejam aproveitadas quaisquer oportunidades para focalizá-las sumariamente, perante elementos que representam todos os pontos do nosso território. Finalmente porque, de certa forma, as questões a serem tratadas entram realmente no âmbito da geografia, especialmente quando a consideramos em seu aspecto moderno, de correlação dos fenômenos, complemento natural e indispensável à da localização dos mesmos na geografia antiga e à da sua distribuição, iniciada pelos geógrafos britânicos, como no-lo relata DELGADO DE CARVALHO. Mais ainda: porque, se passarmos os olhos pela evolução da ciência geográfica, verificaremos que ela tende a tornar-se cada vez mais *social*, como complemento indispensável à sua mera função descritiva, como outrora.

Êste fato, hoje, é de capital importância. Apesar de poder fazer remontar as suas raízes bastante longe no passado, esta socialização da geografia foi lenta, através de ondas consecutivas de movimentos de idéias desde HIPÓCRATES e ESTRABÃO na antiguidade, passando por MÜNSTER, VARENIUS, VICO e MONTESQUIEU, para cristalizar-se, há pouco mais de meio século, na antropogeografia de FREDERICO RATZEL, evoluir para a concepção de geografia humana de JEAN BRUNHES, já no começo do século que corre, e continuar ampliando seu conceito, cada vez mais ambicioso, enlaçando-o através das suas múltiplas ramificações com outros aspectos do conhecimento científico, consubstanciando-se na geografia antrópica para entrosá-la com a biogeografia, e para subdividir-se em campos múltiplos e interessantíssimos, cada um dos quais focaliza um dos aspectos essenciais do problema homem-meio.

Aliás, através desta evolução facilmente perceptível, e que está tão bem sumariada no excelente artigo de MOISÉS GICOVATE sobre o estudo e ensino da antropogeografia ou geografia humana, no n.º 9 da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, veio finalmente ocupar a geografia o lugar que lhe pertence, *par droit de naissance et de conquête*, entre as ciências sociais. Êste fato automaticamente con-

* Conferência destinada à Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia, julho de 1946.

feriu-lhe tôdas as características que constituem o encanto das ciências sociais, encanto todo peculiar oriundo, não apenas da sua complexidade, do poliformismo multifacetado de todos os seus problemas, mesmo os mais simples, mas principalmente pela interpenetração profunda e extensa que cada uma delas apresenta com tôdas as outras, pois estudam tôdas, embora sob aspectos diversos, fundamentalmente o mesmo problema — o homem em grupo, e assim as suas descobertas e os seus conhecimentos pacientemente acumulados se entrelaçam, inextricavelmente anastomoseados, fluindo uns para os outros, tornando imprecisas as fronteiras entre as várias disciplinas, e permitindo perceber, num futuro não muito remoto, uma síntese luminosa de tôdas as ciências sociais num plano mais elevado, digno da cultura ascensional de nosso século.

Não desejo alongar-me nesses preliminares. Basta referir aqui ser fundamental o aspecto geográfico de qualquer problema social, pois a geografia é incontestavelmente o substrato de tôdas as ciências sociais. Localizando os fenômenos sociais no espaço, tal como a história os situa no tempo, constitui uma configuração básica de referência para êsses fenômenos, servindo por assim dizer de moldura ao quadro que apresentam. É essa a razão profunda conduzindo à convergência de idéias sôbre esta matéria, que se encontram, por exemplo, no plano do *Compêndio de Antropogeografia* proposto por OTTO MAULL, onde os movimentos de população são estudados na parte consagrada à geografia demográfica, e bem assim no quadro de recapitulação sugerido por BERTOQUY em seus *Problèmes de Géographie Humaine*, onde a colonização é estudada na parte de geografia social ou política, e a imigração entre os fenômenos dinâmicos pesquisados na geografia demográfica.

A imigração para o Brasil começou na prehistória longínqua, e desde então foi condicionada principalmente por fatores geográficos. Mesmo descontando a hipótese aventurosa de MENDES CORREIA, de uma eventual migração para a América do Sul através do continente Antártico e da Terra do Fogo, e admitindo apenas um visio de probabilidade evanescente na chegada de *praos* malaios à costa ocidental do nosso continente, através do Oceano Pacífico, são condições de proximidade geográfica as que permitiram, há pouco mais de um século, o nascimento da hipótese do povoamento de tôda a América através do Estreito de Bhering, por elementos vindos da Ásia. Cada dia que passa esta teoria cria raízes mais fundas na consciência científica do mundo, e se fôr a verdadeira, como parece, então as vanguardas dêsses movimentos de povos só podem ter aportado à América do Sul por dois caminhos: o istmo de Panamá e a cadeia das Grandes e Pequenas Antilhas, desde a Flórida até Trinidad. É evidente que não podemos acompanhar a evolução subsequente dessas migrações, ocultas como estão nas brumas impenetráveis dos longos períodos prehistóricos. Entretanto, ao podermos retomar o fio das nossas ilações, já com caráter algo mais científico, vamos encontrar, no excelente trabalho de

MÉTRAUX, *Les Migrations Historiques des Tupi-Guarani*, como que um centro de irradiação de migrações, situado no divisor de águas entre os rios Paraná e Paraguai, de onde os tupis se espalharam através do Brasil, chegando até o litoral onde os portugueses os encontraram por ocasião da descoberta.

É óbvio que, durante todo êste longo período, se aplica a tendência antropogeográfica de FREDERICO RATZEL ou seja, em última análise, a influência do meio sôbre o homem, sendo o homem praticamente produto geográfico. Efetivamente, é de presumir que o nomadismo salientado acima fôsse devido, em grande parte, a imposições do meio, que evidentemente condicionava as possibilidades alimentares e delimitava as zonas de refúgio e os anecúmenos. Está claro que outras influências também se fizeram sentir, mas não entrarei na apreciação dos seus pormenores.

A chegada dos descobridores portugueses, por outro lado, originou-se também de uma contingência geográfica, profundamente influenciada, como foi, pela localização de Portugal na extremidade atlântica da Península Ibérica, fato êsse que, aliado a outras considerações de natureza histórica, econômica e política, promoveu a expansão oceânica da brava gente lusa. Nunca é demais manifestarmos a nossa admiração pela heróica epopéia portuguesa, a que o grande Infante de Sagres deu o fecundo impulso do seu gênio.

Quer se acredite na descoberta do Brasil por acaso, ou se aceite a teoria contrária de que o foi premeditadamente, o fato é que em qualquer dos casos as influências geográficas foram predominantes na descoberta. Se por acaso, os ventos e correntes marítimas, de tão fundamental importância para a geografia climática, são responsáveis pelo avistar do Monte Pascoal; se premeditadamente, então é porque os conhecimentos geográficos acumulados pelos marinheiros da época tornavam provável a existência da costa de nossa terra.

Seja como fôr, entretanto, foram condições, ou melhor, imperativos geográficos os que mantiveram os portugueses agarrados à costa "como caranguejos", na pitoresca expressão de frei VICENTE DO SALVADOR, praticamente durante todo o século XVI; foram condições bio-geográficas que, ocasionando a presença do pau-brasil ao longo da costa, incentivaram o interesse de mercadores franceses e portugueses, muitos dêstes cristãos novos como FERNANDO DE NORONHA, ou FERNÃO DE LORONHA como querem os quinhentistas, a explorar economicamente a nova colônia. E foram, ainda condições climáticas e pedológicas favoráveis, como as que se apresentavam na região da mata do Noroeste, que estimularam e promoveram, desde os primeiros tempos, o plantio da cana de açúcar, que em virtude de causas da mesma natureza se haviam aclimatado favoravelmente nas ilhas da Madeira e dos Açores, iniciando desta forma o primeiro ciclo econômico de nossa terra, e do açúcar, de tamanha importância para nossos destinos.

Foram, ainda, condições geográficas as que levaram JOÃO RAMALHO a estabelecer-se em Santo André da Borda do Campo, quando resolveu emigrar de São Vicente; e êsses mesmos imperativos categóricos de menor dificuldade na transposição da muralha granítica da Serra do Mar entre Santos e os Campos de Piratininga que, em última análise, determinaram o traçado da "Via Anchieta", promovendo a atual localização da cidade de São Paulo, no pátio do Colégio, em 1554, por ordem de NÓBREGA, provincial dos Jesuítas, que ali mandara fundar um colégio. TEODORO SAMPAIO, numa conferência feita em 16 de outubro de 1896, sobre São Paulo no tempo de Anchieta, declara textualmente: "Aparelhada a apostólica missão da qual fazia parte o jovem JOSÉ DE ANCHIETA, aos 20 anos de sua idade, o padre NÓBREGA, já então provincial no Brasil, enviou-o a fundar um colégio entre os índios nos campos de Piratininga. Começa aí, de fato e incontestavelmente, a obra da conquista do planalto brasileiro, a expansão do Brasil".

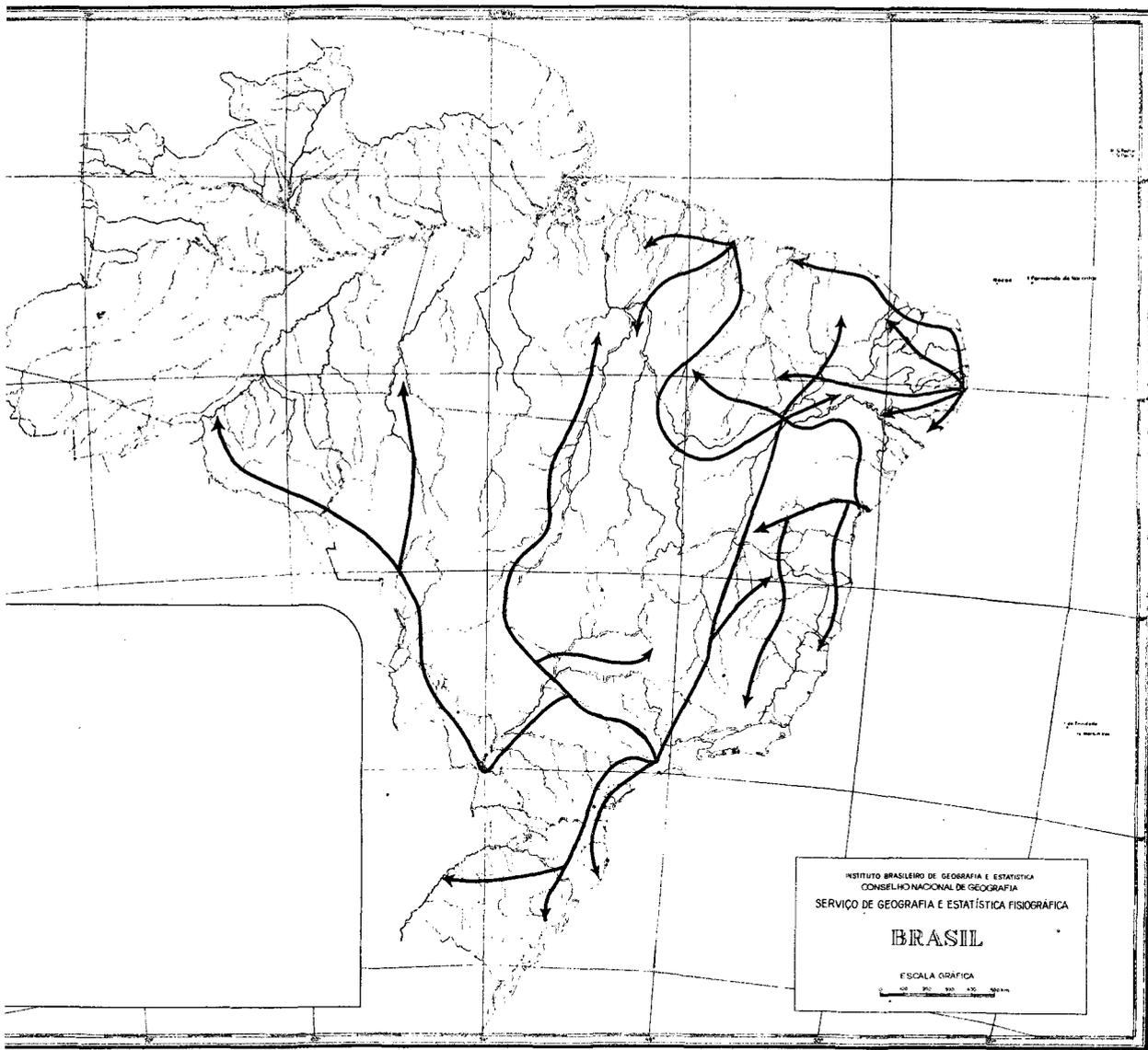
Passam-se os anos. Vem a época de penetração, a da epopéia das Bandeiras. E ainda aqui são predominantemente os fatores geográficos que fixam as linhas de penetração para o sertão, como já o salientara, desde 1883, o grande mestre da nossa história, CAPISTRANO DE ABREU, e como foi recordado, bem mais recentemente, na conferência magnífica de RAJA GABAGLIA sobre as linhas de penetração da civilização no Brasil, publicada pela *Revista do Brasil*, em janeiro de 1921.

Preando índios ou em busca de minas, o fato é que existem três linhas de penetração abertas aos bandeirantes, tôdas três ditadas inexoravelmente pela geografia. Nas palavras de RAJA GABAGLIA são as seguintes: "A primeira é para Minas Gerais: parte do Paraíba atravessa a Mantiqueira, contorna as cabeceiras do rio Grande e seus afluentes até o rio das Velhas, onde se bifurca, indo um galho procurar a bacia do São Francisco, outro a do rio Doce.

"A segunda linha é para Goiás e corre entre São Paulo e Urubupungá, que deixa à esquerda, procurando a bacia do Paranaíba e a do Tocantins-Araguaia.

"A terceira é para Mato Grosso e corre entre Urubupungá e Guairá, atravessa o Paraguai e se bifurca, indo um galho para São Lourenço e Cuiabá, e outro para o alto Paraguai e seus afluentes".

Seria fastidioso continuar a enumerar as condições geográficas que, de norte a sul do Brasil, permitiram o seu povoamento ao longo das linhas de penetração mais fáceis. Basta salientar aqui as profundas conseqüências a que deram origem. Assim, por exemplo, foram condições mesológicas, do domínio da geografia, que tornaram característica a civilização da região sertaneja, em oposição à da zona da mata. A biogeografia impôs, praticamente, a famosa civilização do couro, dos boiadeiros, das caatingas, como também determinou as feições características da civilização amazônica, onde não se associa o homem à terra, mas à água, que é realmente o mais importante elemento vitalizador daquelas regiões, onde a própria sobrevivência bio-



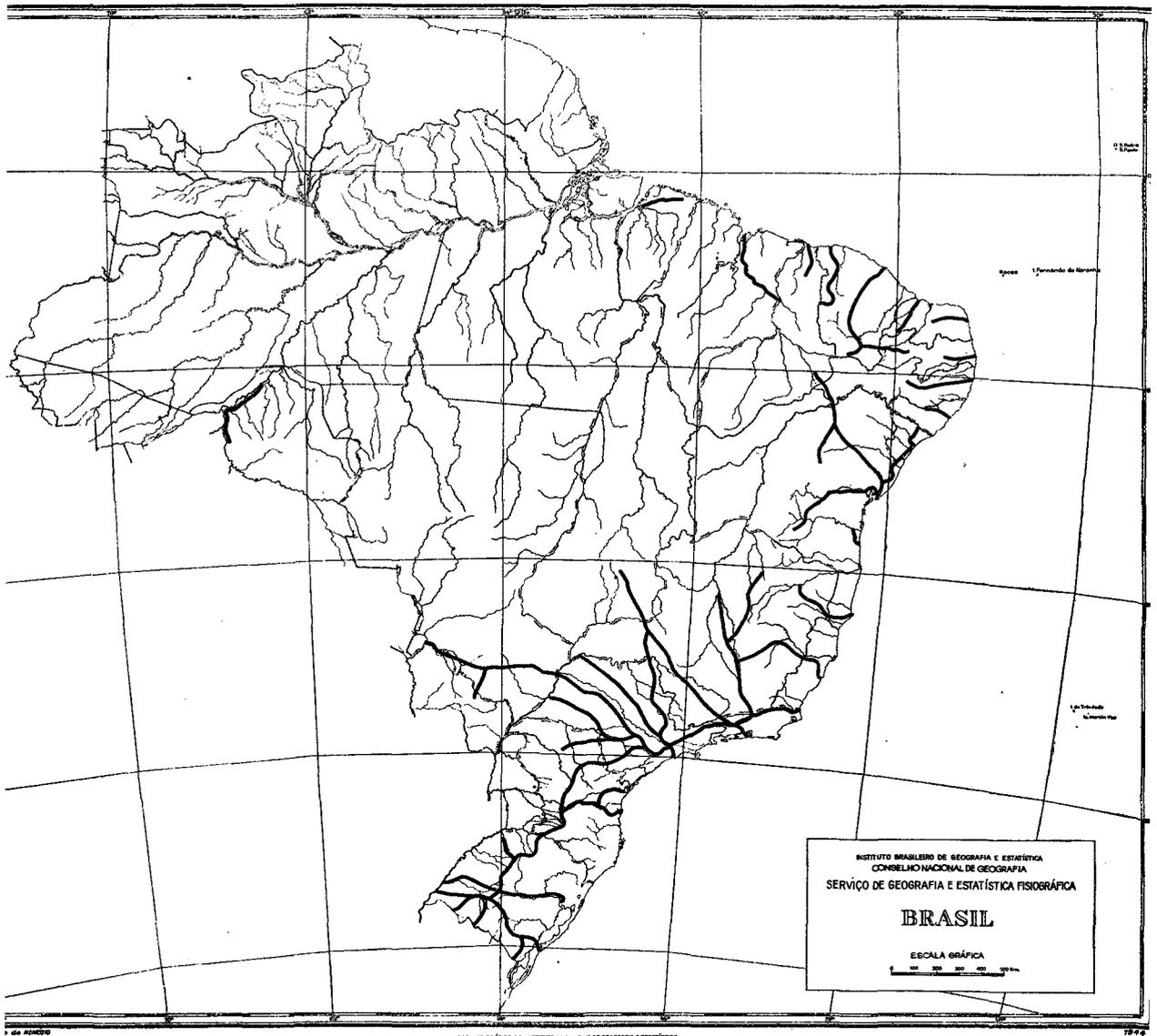
Mapa 1 — *Linhas de penetração do povoamento brasileiro, em várias épocas.*

lógica é função das condições prevaletentes nos cursos d'água. SAMUEL BENCHIMOL, autor do trabalho *O cearense na Amazônia*, apresentado e premiado pelo X Congresso Brasileiro de Geografia, salienta o fato de que mesmo nas expressões, sejam as mais corriqueiras ou as mais íntimas, a ligação é feita à água. Assim, o homem amazônico não diz que nasceu em Lábrea ou Manicoré, mas no Purus ou no Madeira.

Também o Estado do Maranhão, compreendendo no período colonial o trecho da costa entre o Ceará e o Pará, foi forçado, por condições geográficas, como as dos ventos reinantes na sua costa, a permanecer quase que isolado do resto do Brasil, até um ano depois da Independência. E os exemplos poderiam ser multiplicados, mas não desejo abusar da paciência dos meus ouvintes.

Mais tarde, já na primeira metade do século XIX, quando se iniciara a partir de 1819 o movimento migratório para o Brasil, tomando a palavra aqui na acepção técnica restrita que tem o conceito de imigração, nos tempos modernos, significando um deslocamento voluntário de alguém para outro país com intenção de nele fixar-se, são ainda condições mesológicas que indicam a PEDRO I a conveniência de fixar imigrantes suíços na região onde hoje se ergue Nova Friburgo, tal como mais tarde, nos princípios do reinado de PEDRO II, é fundada e colonizada a região de Petrópolis, no alto da Serra do Mar. Aí, entretanto, mais ou menos por volta de 1860, quando na realidade terminou o tráfico infame de negros africanos para o Brasil, as condições predominantes, que influenciaram a imigração, são apenas indiretamente de natureza geográfica. Prevaecem, como causa direta da imigração, as de natureza social, principalmente as econômicas. No entanto, pela interpenetração que há pouco salientei, entre todos os fenômenos sociais, de qualquer natureza que sejam, as causas mediatas ou remotas que determinaram a colonização de certos pontos do país de preferência a outros ainda são de natureza geográfica. É mister, porém, distinguir um aspecto extraordinariamente importante para o objetivo da presente palestra: ao invés do homem ser *produto* geográfico, como queria RATZEL, passou a tornar-se *agente* geográfico, na concepção de BRUNHES. Desde 1855, com o início da construção, no Brasil, de sua rede ferroviária, a colonização se processa ao longo das fitas paralelas dos trilhos, como diria SAMPAIO CORREIA; é a razão econômica, predominando e ligando indissolúvelmente o problema da colonização ao do transporte fácil. Mas é de notar que, remotamente, o traçado das estradas de ferro é condicionado pela topografia do terreno, de modo que, em última análise, são ainda fenômenos geográficos que influenciam o povoamento.

Seja como fôr, entretanto, as considerações puramente geográficas cedem em definitivo o passo às influências econômicas, predominantemente as relacionadas com o transporte. Depois da Central do Brasil, nas grandes realizações ferroviárias que marcaram o Segundo Reinado e a Primeira República entre nós, o povoamento, incluindo nesta palavra o conjunto de fenômenos ligados às migrações, internas ou externas, e a fixação do homem ao solo que constitui a colonização, processa-se acompanhando paulatinamente o desenvolvimento das linhas de penetração ferroviárias. No centro e no sul do país, o paredão granítico que isola a costa do planalto é perfurado pelas várias estradas de ferro, em arrojadas obras de engenharia, e através destas brechas o homem se atira à conquista do planalto. A Leopoldina Railway, a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, e a São Paulo Railway, são demonstrações desta afirmativa; esta última, a "Inglêsa" que, partindo de Santos, galga a serra para atingir a capital de São Paulo, é um caso absolutamente flagrante da situação em que se encontrava o interior daquele Estado no último quartel do século XIX; foi-lhe oferecida a concessão para construir uma via de penetração por todo o interior do Estado;



Mapa 2 — *Linhas Ferroviárias brasileiras. Notar a influência das mesmas sobre o povoamento do país.*

mas as possibilidades econômicas desse e o seu progresso ainda eram tão pequenos que, embora dispondo dessa oportunidade única e magnífica, os capitais estrangeiros que a financiavam se retraíram e desejaram a concessão apenas até a cidade de Jundiáí. Foi necessário que a iniciativa brasileira, acreditando na capacidade de progresso do Estado de São Paulo, constituísse a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, para retomar a penetração a partir de Jundiáí, graças à larga visão de estadista do conselheiro ANTÔNIO PRADO. A imensa obra da Paulista ainda continua, embora um dos seus ramais já se encontre à margem do rio Grande, na cidade de Colúmbia, na fronteira de São Paulo com o Triângulo Mineiro; e foi o desenvolvimento de suas linhas

que permitiu, embora aliado a outras circunstâncias, o progresso vertiginoso e fenomenal de certas zonas, como a alta Paulista, e o crescimento, inacreditável quase, dos seus principais núcleos de povoamento, como, por exemplo, Marília, fenômeno ímpar em nossa evolução.

Pelo que precede, verificamos que, a partir da segunda metade do século passado, o problema da imigração e da colonização se tornou mero capítulo da geografia de transportes do Brasil; e quando, em princípios de 1900, surgiu a nova revolução no transporte constituída pelo automóvel, a rodovia, complementando a estrada de ferro, veio abrir novas perspectivas e multiplicar, por muitas vezes, a possibilidade de povoamento e exploração econômica, assegurando-lhe o transporte indispensável, que se tornara bem mais barato e flexível, sem a exigência da enorme inversão de capital inicial, representado pela construção de estradas de ferro.

Esta fase de nossa evolução ainda está longe de findar, e o seu crescimento se processa diante dos nossos olhos atualmente. Mas a aceleração do ritmo do progresso tecnológico nesse particular já iniciou uma nova fase, que, confirmando o asserto acima expendido, vem demonstrar cabalmente a tese de BRUNHES, isto é, a do crescente domínio do homem sobre o meio, libertando-o cada vez mais das contingências geográficas. Para construir uma estrada de ferro, fazia-se mister um traçado bastante rígido, a fim de atender às necessidades de tração. O automóvel veio permitir estradas que se adaptam ao terreno com maior flexibilidade, esposando-lhe muito mais perfeitamente as formas; o transporte aéreo, finalmente, veio abrir novas perspectivas insuspeitadas à possibilidade da realização de penetrações desbravadoras.

Hoje, a penetração racional se faz por via aérea, através de etapas sucessivas da construção de um pequeno campo, bastante para um minúsculo "Teco-Teco", o qual aos poucos se vai ampliando e melhorando até que, mesmo recebendo por via aérea a mão de obra e os materiais de que careça, esteja em condições de permitir o vôo de um "Douglas" ou de um "Constellation". Já verificamos que isto é perfeitamente viável, pois durante o período de guerra os "Catalina" da Rubber Development Corporation iam buscar a preciosa borracha aos locais mais longínquos. Eu, pessoalmente, estive na região de Salto Augusto, no baixo Juruena, próximo à ponta extrema ao norte do Estado de Mato Grosso, e o "Catalina" em que viajava transportou para São Luís, lugarejo à margem do Tapajós, em várias viagens, 30 toneladas de borracha, trazendo ao retornar os elementos indispensáveis ao abastecimento dos seringueiros e caucheiros que irradiavam de Morilândia, pequeníssimo povoado de ranchos de palha à margem direita do Juruena, a montante de Salto Augusto.

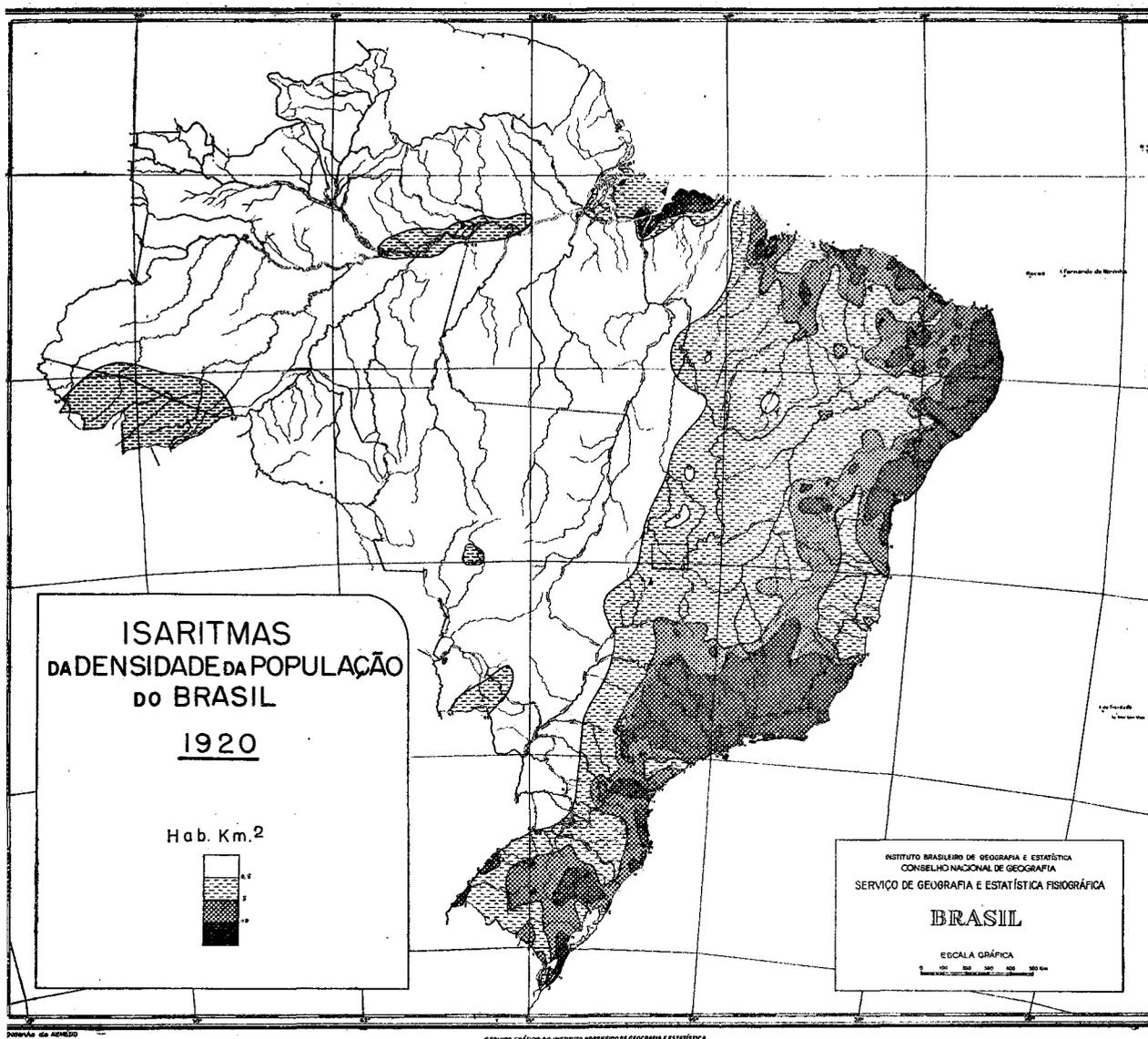
O transporte é, por conseguinte, o fator primordial tanto na imigração como na colonização moderna. Outros dois fatores, entretanto, também influem poderosamente no fenômeno. Tanto o clima como o solo têm importância na questão que estudamos; mas tanto o

transporte — fator econômico — como o clima, fator meteorológico, e o solo, fator biogeológico, se unem constituindo um todo antropogeográfico, para condicionar as questões de imigração e colonização.

O clima, estudado entre nós por especialistas da valia de ADALBERTO SERRA, LEANDRO RIEDEL RATISBONA, SALOMÃO SEREBRENİK e FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, é para certas correntes do pensamento geográfico, como a de ELLSWORTH HUNTINGTON, fator primacial no povoamento. Entretanto, o papel da aclimação, embora seja um fenómeno sensível, não é absolutamente predominante, nem possui sequer a importância que lhe atribui HUNTINGTON. Demonstram-no GRENFELL PRICE, no seu *White Settlers in the Tropics* e mesmo entre nós MONBEIG e DEFFONTAINES, examinando-o, colocam-no no lugar que lhe compete. Das cinco regiões climáticas em que o Brasil se acha dividido, de acôrdo com a classificação de KÖPPEN, três, a tropical, a subtropical e a temperada, cobrindo cerca de dois terços do país em área, são plenamente satisfatórias para o europeu que a elas se adapta com toda facilidade. Nas outras duas — as regiões de clima equatorial e semi-árido, o europeu também se aclimata, embora com um pouco menos de conforto. E a prova aí está: O Brasil é o maior país de civilização branca nos trópicos, sendo o Rio de Janeiro e São Paulo as únicas cidades superiores em população a um milhão de habitantes que, nos trópicos, são predominantemente caucásicas. E o processo de branqueamento continua, como o demonstra o censo de 1940, comparado com os anteriores, apesar das idéias de HUNTINGTON...

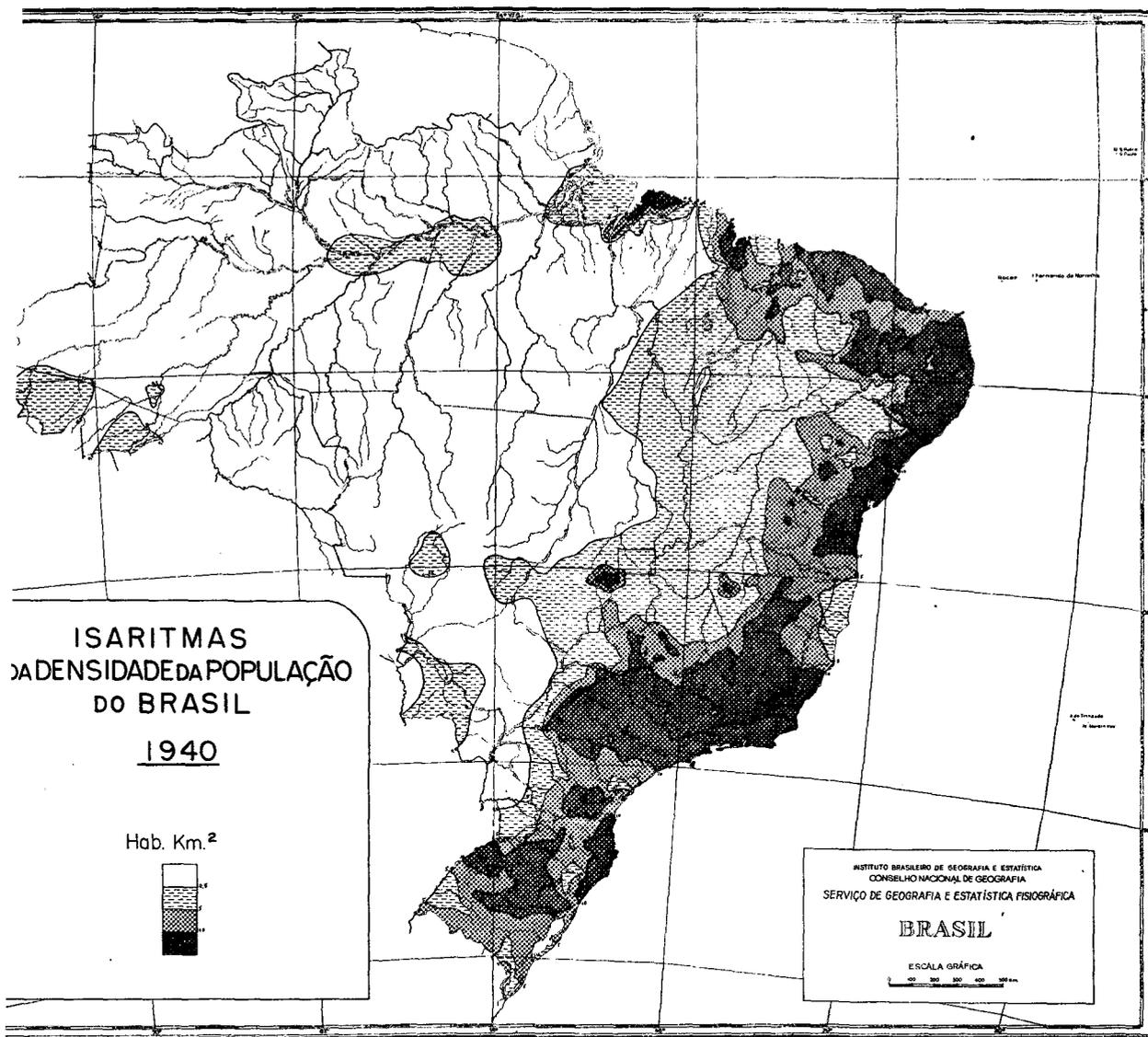
O outro fator, solo, ainda está sendo estudado no Brasil de maneira muito genérica, apenas, malgrado os imensos esforços de alguns especialistas, entre os quais se distingue JOSÉ SETZER. Seus trabalhos sobre pedologia, especialmente em relação aos solos do Estado de São Paulo, bem denotam a importância que devemos dar a êsse fator entre nós, sempre que desejarmos cuidar adequadamente de imigração e colonização. As múltiplas influências, climáticas, geológicas, físico-químicas e biológicas que afetam os solos, e cuja interação complexa determina o grau de fertilidade dos mesmos, condicionando o seu aproveitamento racional, bem demonstram a necessidade de serem prosseguidos no Brasil, com maior intensidade ainda, os estudos desta natureza, desenvolvendo-se as pesquisas de VAGLER e de outros a respeito. Quanto mais completos forem os conhecimentos pedológicos no Brasil, tanto mais racionalmente se poderá proceder ao planejamento indispensável hoje em dia, das migrações colonizadoras, garantindo o sucesso de suas culturas. Sob o ponto de vista de imigração e colonização, são eminentemente aconselháveis os estudos monográficos de geografia regional, como o excelente trabalho realizado por JORGE ZARUR na bacia do São Francisco, pois estudo dêsse tipo são os elementos básicos, repito, para qualquer planejamento científico da matéria.

Examinamos até aqui, muito perfunctòriamente embora, os principais aspectos geográficos que condicionam, no Brasil, o problema da imigração e da colonização. Poder-se-ia designá-los, eventualmente,



Mapa 3 — Isaritmias da densidade da população do Brasil em 1920.

como fatores naturais; embora o transporte seja eminentemente social era condicionado, até o advento da navegação aérea, pelas exigências da geografia física. O resultado de tudo isso, agindo através dos tempos, e influenciando naturalmente, por muitos fatores de outra natureza, sociais por excelência — como por exemplo os econômicos, que acarretaram a mobilidade surpreendente de nossos grupamentos demográficos, atraídos pela exploração de riquezas mais promissoras para diversos pontos do Brasil, em grandes migrações internas, como ocorreu, *verbi gratia* no ciclo das minas, do café e da borracha; políticos, históricos, jurídicos, étnicos, culturais em suma, — é o povoamento do Brasil tal como aí está. Sua história detalhada ainda está por se fazer, apesar das contribuições de alguns estudiosos na matéria; de um



Mapa 4 — Isaritmias da densidade da população do Brasil em 1940.

modo muito genérico entretanto, e apenas para fixar idéias, pode-se utilizar o mapa de BRANDT sobre o povoamento, no capítulo VI da sua *Geografia Cultural do Brasil*. Mas o que interessa, neste particular, não é a história dos acontecimentos, mas o resultado prático, e êsse está perfeitamente documentado, no tocante à distribuição de nossa população, referido à densidade demográfica do nosso território, nos dois cartogramas aqui estampados, organizados conforme dados dos recenseamentos de 1920 e 1940.

Por êsses dois cartogramas, podemos acompanhar o deslocamento da linha de fronteira econômica, limitar a faixa que realmente se pode denominar de economicamente ocupada, até 2 1/2 habitantes por qui-

lômetro quadrado de densidade demográfica, separando-a do restante do território, onde a densidade demográfica é praticamente inexistente, a não ser em raras ilhas aqui traçadas.

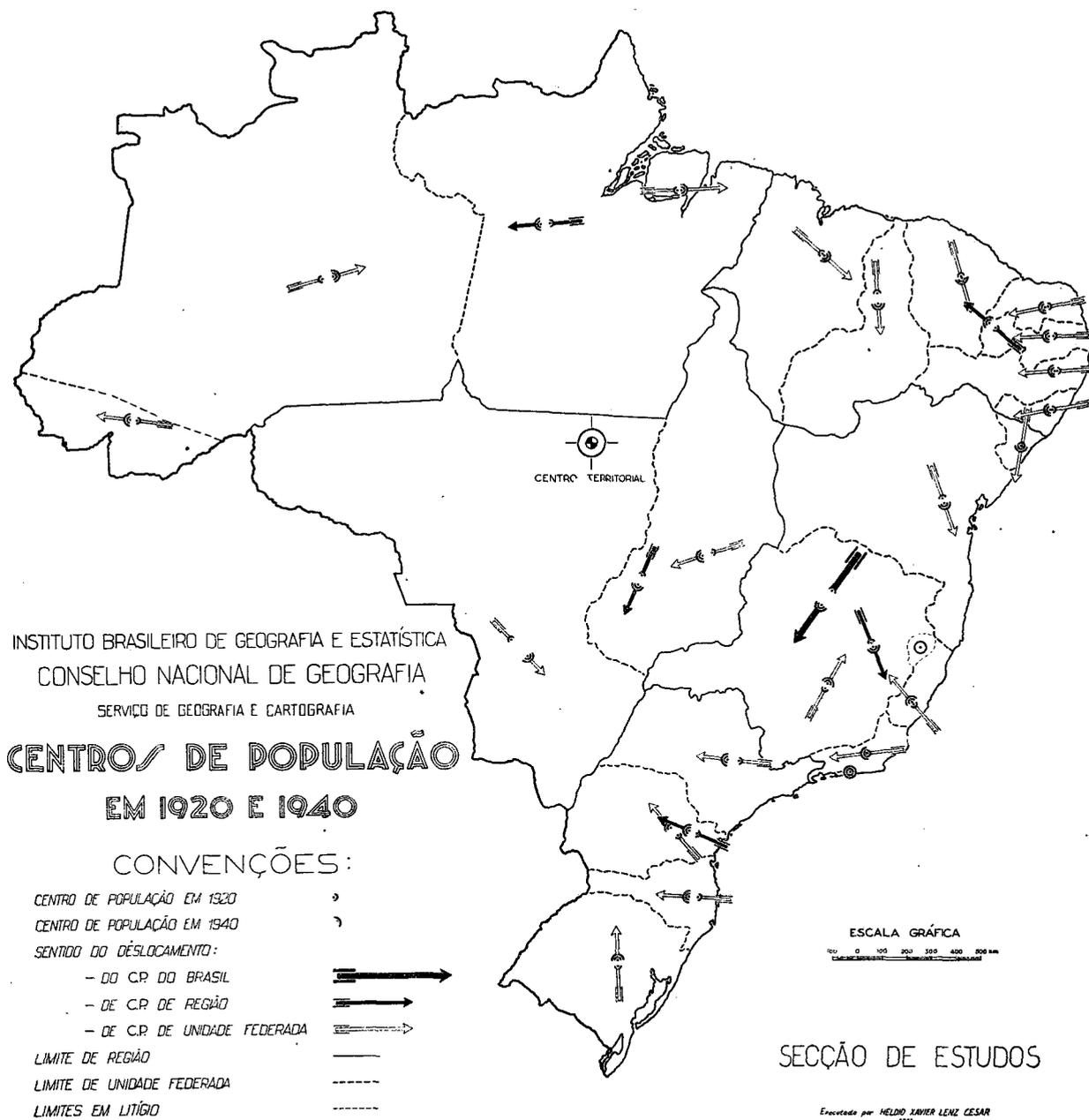
Tôda a região mais clara do cartograma, e que ocupa um pouco mais de 2/3 de superfície total do Brasil, pode e deve ser considerada como zona pioneira, dentro da qual cabe a nós, brasileiros, da geração presente, e olhando para o futuro da nacionalidade, construir, por motivos geopolíticos, um império dentro de nossas fronteiras.

Olhando para os dois cartogramas, verificamos que, nos vinte anos de diferença que entre êles medeiam, a fronteira econômica se deslocou relativamente pouco para o interior. Houve, certamente, deslocamentos; êstes podem ser acompanhados no terceiro cartograma, onde estão traçados, sob forma de vetores, e por distâncias entre pontos proporcionais aos deslocamentos das populações nos últimos 20 anos, segundo resultantes cuja direção é indicada pelos próprios vetores. Êste sistema de representação foi preferido ao de módulos vetoriais proporcionais aos deslocamentos em questão, para maior facilidade de apreciação.

Como vemos, se em alguns casos, houve deslocamentos nítidos em direção à hinterlândia, como por exemplo no caso do Acre, existem contudo em diversos Estados movimentos do interior para o litoral. Assim, embora na região amazônica, em consequência do maior deslocamento verificado no Acre, a resultante regional seja dirigida para o interior, tanto nos Estados do Amazonas, como no do Pará as resultantes estaduais são dirigidas do interior para o oceano. A resultante geral do Brasil, aqui figurada, é de direção geral nordeste para sudoeste, fenômeno que precisa ser corrigido, se desejarmos, efetivamente, ocupar e aproveitar todo o nosso imenso território. A situação mais favorável seria se êste vetor ocupasse uma posição perpendicular, ou quase, à que está figurada, apontando no sentido sudeste para noroeste, e apresentasse um módulo de deslocamento muito maior do que ocorre na realidade.

Se êste é o resultado almejado, passemos então rapidamente em revista o que pode ser realizado para corrigir esta situação, através de um planejamento tão completo quanto possível e tendo em conta as circunstâncias atuais.

Deixando de lado os tipos de colonização antiga, obsoletos hoje em dia, e caracterizados pela colonização através de feitorias semi-militares, predominantes até o século XVII, e pela colonização de tipo *plantation* que lhe sucedeu da qual são exemplos entre nós os engenhos de cana do nordeste e mesmo as grandes fazendas de café do século XIX no Estado do Rio e em parte de São Paulo, concentremo-nos nos métodos modernos de colonização, tipo *settlement*, no qual se propõe fixar o colono ao solo, garantindo-lhe a propriedade da gleba, e planejando o seu estabelecimento de modo racional. Ê, aliás, curioso salientar que, no Brasil, de certa forma, esta é a solução tradicional, pois foi a adotada,



Mapa 5 — Centro de gravidade da população em 1920 e 1940. O mapa mostra o deslocamento da população em vários sentidos.

entre outros, pelo marquês de POMBAL, ao promover a colonização da região amazônica com casais de ilhéus, que recebiam a terra, alguns animais para lavoura, etc.

O que se pretende conseguir é, evidentemente, o deslocamento da fronteira econômica, a fim de que, no futuro, possa ela coincidir com

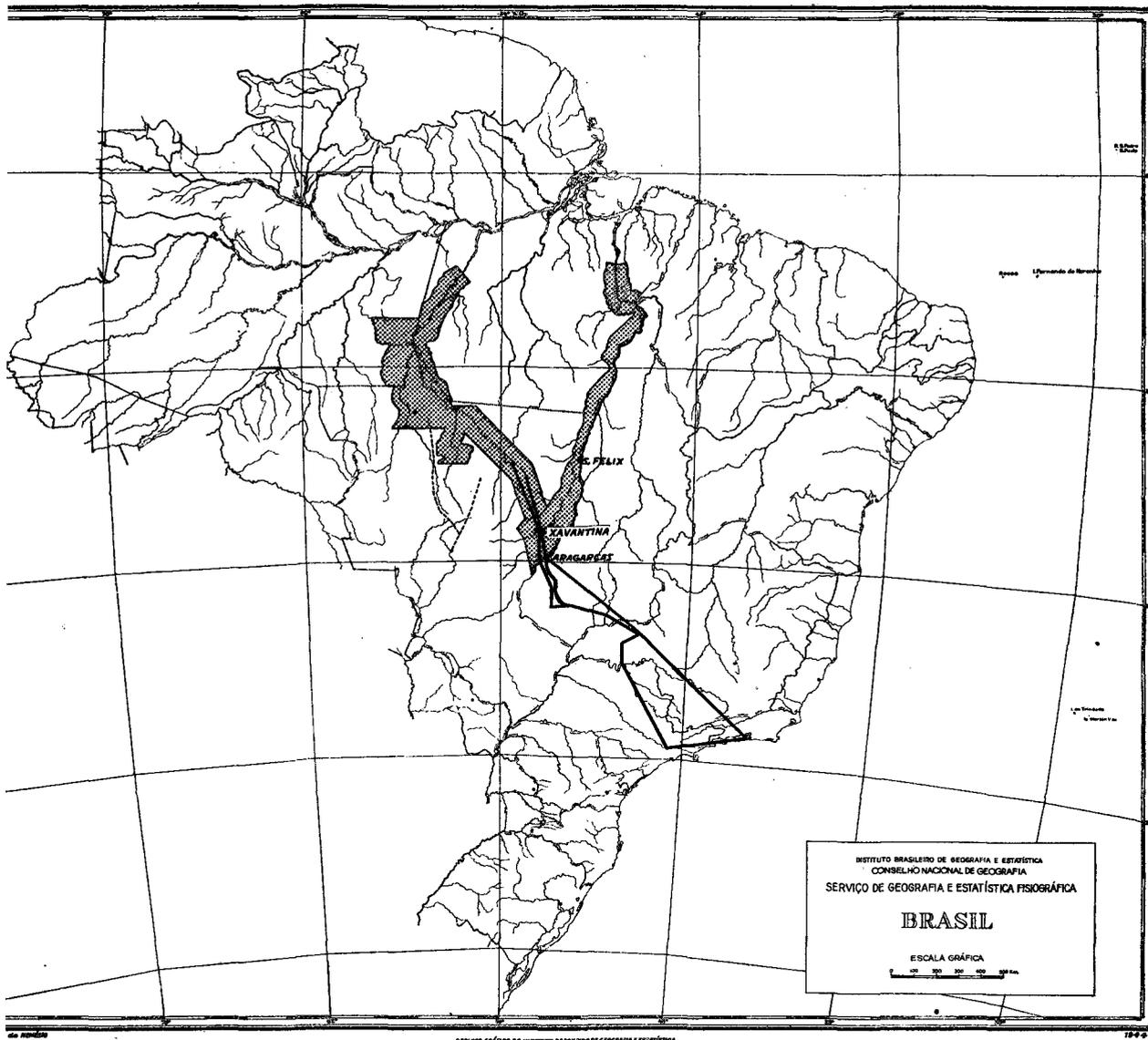
as fronteiras políticas da nacionalidade. Ora, êste resultado pode ser obtido através de duas modalidades distintas, as quais constituem os processos de colonização empregados hoje em dia.

O primeiro dêesses métodos é o de promover o deslocamento da fronteira econômica paralelamente a si própria, seguindo a política denominada pelo grande colonizador francês LYAUTEY de política da "mancha de óleo". Para atingir o fim proposto, emprega-se o seguinte processo: escolhem-se ao longo da fronteira econômica, dentro da zona pioneira, e relativamente pouco afastados dessa fronteira, locais apropriados para o nucleamento de colonos. Ligam-se êstes núcleos à região mais densamente povoada, por trás da fronteira econômica, através de boas vias de comunicação, de modo a assegurar o transporte indispensável aos produtos do núcleo. O crescimento de uma série de núcleos nessas condições provocará, ao fim de um certo tempo, o deslocamento natural da fronteira econômica paralelamente a si própria, incorporando à civilização a área da zona pioneira limítrofe da fronteira econômica primitiva, pelo simples adensamento demográfico operado na região. E assim sucessivamente.

Êste método, que é o clássico, está sendo aplicado no Brasil. Um exemplo típico dêesse modo de proceder é o da Colônia Agrícola Nacional de Goiás, situada na confluência do rio das Almas com o rio São Patrício. Fundada em princípios de 1941, está ligada a Anápolis, ponta dos trilhos da E. F. São Paulo-Goiás, por uma estrada de rodagem de primeira ordem com 142 quilômetros de extensão. Quando a visitei em fins de 1944, já estavam ali localizadas 8 000 pessoas, sendo a mesma dotada de todos os serviços de assistência indispensáveis a trabalho desta natureza. Seu estado é nitidamente florescente, e a sua simples presença incorporará, certamente, à área economicamente aproveitada do país aquela região da zona pioneira.

De um modo geral o nosso programa de colônias nacionais criadas pelo Decreto-lei n.º 3 059, de 14 de fevereiro de 1941, e que vem sendo executado pela Divisão de Terras e Colonização do Ministério da Agricultura, é da mesma natureza do precedentemente exemplificado. É curioso, entretanto, destacar como a presença dessas colônias, localizadas em pontos vários do nosso território, como em Iguaçu, Ponta Porã, Piauí, Pará, Amazonas etc., pode preencher as suas finalidades de deslocamento da fronteira econômica paralelamente a si própria, mesmo em se tratando das verdadeiras ilhas de densidade demográfica, como podemos ver no cartograma, por exemplo, na região da Colônia Agrícola Nacional do Amazonas. Tive o ensejo de visitá-la em outubro de 1945, e constatei que, com as diferenças que seriam de esperar pela diversidade das zonas em que se acham localizadas, atingia tão plenamente o objetivo colimado quanto a de Goiás, estando também em condições de franco progresso.

O segundo método é decorrente da própria existência das ilhas de maior densidade demográfica que podemos ver nos cartogramas. Não se trata mais, aqui, de deslocar a fronteira econômica paralelamente



Mapa 6 — Zona de ação da Fundação Brasil Central. As áreas achuriadas são as que lhes foram cedidas pelos Estados do Amazonas, Pará e Mato Grosso. A linha cheia mostra a penetração já realizada.

a si própria, mas sim de criar novas ilhas de maior densidade demográfica, nos grandes espaços vazios de população brasileira. A multiplicação dessas ilhas demográficas, que denominamos “núcleos de civilização”, provocará a formação, na hinterlândia, de um sistema de pontos nodais que acabarão cobrindo, como as malhas de uma rede, os imensos espaços despovoados da zona pioneira. Evidentemente, esta ocupação do sertão remoto será descontínua e entre os nós da rede continuarão a existir espaços vazios: êsses, porém, serão paulatinamente preenchidos à medida que os núcleos de civilização se forem desenvolvendo e crescendo do centro para a periferia. Quando se tangenciarem, perifêricamente, as zonas de ocupação demográfica sob a influência

respectiva de dois desses núcleos, a ocupação está completa ao longo da linha de comunicação entre eles. Também vem a pêlo salientar que, tradicionalmente, êste método foi seguido entre nós no período colonial. As cartas de doação das capitanias hereditárias prescreviam que os donatários fundassem núcleos de povoamento de 50 em 50 léguas.

Êste segundo método é o que vem sendo utilizado pela Fundação Brasil Central, no desenvolvimento e penetração da vastidão do sertão remoto. Embora sua criação fôsse autorizada sômente em outubro de 1943 e os seus trabalhos se iniciassem em princípios de 1944, na localidade de Aragarças, já possui a Fundação, em construção, 4 núcleos desse tipo, respectivamente em Aragarças, Xavantina, São Félix e Fronteira, planejando a construção de outros mais, o primeiro dos quais, será, provàvelmente, se os reconhecimentos indicarem a sua conveniência, na confluência dos formadores do Xingu. Em suas funções de desbravamento, a Expedição Roncador-Xingu, verdadeira ponta de lança da Fundação Brasil Central, já se encontra presentemente a 350 quilômetros além de Xavantina, tendo atravessado a Serra do Roncador, achando-se próximo ao rio Tanguro, tributário do Kuluene, um dos formadores do Xingu.

Ambos os métodos, como vimos, são perfeitamente exequíveis e estão sendo aplicados no Brasil. O segundo, entretanto, apresenta sôbre o primeiro a vantagem essencial de maior rapidez na ocupação do território, o que é importantíssimo por motivos geopolíticos. Aliada a esta vantagem basilar, permite ainda o emprêgo mais intensivo dos métodos modernos de transporte como a aviação, que imediatamente estabelece uma rêde de comunicações rápida e segura, além de permanente, entre os núcleos de vanguarda e as bases de apoio, mesmo antes que estejam concluídas as rodovias de interligação. As próprias condições de trabalho exigem uma decalagem de mais de um ano entre o momento de estabelecimento de um núcleo de civilização, bem para dentro da zona pioneira, e o momento em que está concluída a estrada de rodagem que deverá ligá-lo, por via terrestre, à região civilizada, em consequência da distância relativamente grande entre eles. As etapas são, por conseguinte: primeiro, comunicação através de transporte aéreo apenas; segundo, ligação rodoviária ou fluvial; terceiro, já em futuro mais longínquo e quando as condições econômicas o permitirem, ligação através de ferrovia. Esse é o último estágio que evidentemente assegurará a interconexão permanente e definitiva entre os vários núcleos de civilização, integrando-os num todo contínuo.

São estas as diretrizes essenciais, portanto, de colonização moderna utilizadas para a incorporação da zona pioneira à zona civilizada de nosso território. Vejamos agora, primeiro, como se realizam efetivamente os programas de nucleamento e colonização para atender a essa finalidade, e segundo, como tais realizações se entrosam no conjunto geral dos fenômenos migratórios de interêsse para o país.

A criação de um núcleo de civilização compreende, sumariamente, as seguintes etapas: a) A princípio, a escolha do local que deve preen-

cher as condições de salubridade, clima e transporte fácil, as quais são essenciais; b) Vem depois o planejamento do núcleo adaptado à topografia local, prevendo-se as condições mínimas de conforto exigidas pela civilização moderna, tais como luz elétrica, água corrente, escolas, hospitais, cinema, etc. com o intuito principal de prestar toda assistência possível, não só aos habitantes do núcleo como ainda à população esparsa de seus arredores. Só por esta forma, tornando acessíveis os confortos da civilização em pleno interior remoto, será viável refrear a tendência, profundamente humana, do êxodo rural que fatalmente conduz ao abandono dos campos em busca da assistência, conforto e amparo que apresentam as grandes cidades. Dispondo dessas mesmas vantagens no interior, o sertanejo não se deslocará para os grandes centros; c) Imediatamente após, inicia-se a execução do programa pela construção do campo de aviação e instalação da estação radiotelegráfica, a fim de assegurar as ligações materiais e as comunicações com as bases de apoio na zona civilizada; d) Instalam-se, em seguida, as indústrias básicas para a construção da futura localidade, tais como olaria, a princípio manual, depois mecânica e a serraria; e) Procede-se, depois, à edificação da cidade e à instalação dos serviços públicos indispensáveis, continuando-se simultaneamente a construção de estradas destinadas a ligar o novo núcleo à região civilizada; f) Paulatinamente, vai-se povoando o núcleo e assegurando emprêgo aos povoadores, e mercado seguro aos seus produtos, colonizando-se as adjacências e procurando-se aproveitar dos elementos naturais de riqueza que lhe dêem vida própria, promovendo-se inicialmente *in loco* o abastecimento da população local em gêneros alimentícios; g) Desde os primeiros instantes, o médico deve ter-se encarregado do saneamento e da assistência imprescindíveis.

Em brevíssimo escôrcço, são essas as etapas-padrão na criação de um núcleo de colonização moderna, e é precisamente êste o programa que está sendo realizado pela Fundação Brasil Central, seguindo as pegadas da Expedição Roncador-Xingu, que realiza a parte de desbravamento do território a ser penetrado. É conveniente salientar aqui ser esta seriação de trabalho bem mais difícil e complexa nos núcleos de civilização da zona pioneira do que nos de colonização que poderíamos denominar secundária, e destinada a encher os vazios porventura existentes dentro da própria zona civilizada. Aí, evidentemente, as etapas são diversas e se relacionam principalmente com o aproveitamento econômico do solo através da policultura, já que a assistência existe nos povoados, vilas ou cidades próximas.

Para encerrar êste exame dos aspectos de colonização da zona pioneira, desejo referir tão somente que a zona do Brasil Central onde essas atividades se processam presentemente pode ser geograficamente dividida em duas regiões distintas: a primeira, típica do planalto central brasileiro, coberta de campos cerrados; cerradões ou mesmo campinas, com florestas-galerias ao longo dos rios, clima tropical úmido com estiagem, solos que, na região oriental, participam ainda da feracidade

das terras roxas paulistas, e se vão gradualmente empobrecendo até atingirem as regiões do arenito cretáceo dos monótonos e consecutivos chapadões do extremo oriental de Mato Grosso. A segunda, de transição para a região da *Hylaea* com a passagem gradual da savana, com os característicos apontados, para a mata virgem equatorial da bacia amazônica. De um modo geral, pode-se dizer que esta mata principia a tornar-se contínua nas proximidades do paralelo de 12°, embora possa continuar a margear com exuberância os grandes cursos d'água um pouco mais para o sul. Por vêzes, quando o divisor de águas de duas bacias é mais largo e mais alto, a zona de cerrado se estende mais para o norte, como ocorre por exemplo no alto rio Paranatinga. Para o norte do paralelo de 12°, contudo, são bastante raras as regiões abertas a que se refere o exaustivo estudo de LUDWIG KOEGEL, das *Urwaldsphänomen Amazoniens*.

Deixei, propositadamente, para o fim desta palestra os problemas relacionados com a imigração em si, frisando principalmente até agora os da colonização. Isto porque os aspectos geográficos do problema são muito mais importantes na colonização do que, a bem dizer, na imigração. Entretanto, o elo de ligação entre ambos os problemas foi claramente formulado desde 1937 quando, na II Conferência do Trabalho reunida em Santiago do Chile, foi examinado o conceito de "migração colonizadora" que, fundindo numa só realidade econômica os fenômenos migratórios e os de colonização, permitiu estabelecer as diretrizes econômicas, políticas e sociais gerais de fenômenos correlatos e que, de maneira racional, se devem completar reciprocamente. Outra, a imigração era totalmente distinta da colonização; hoje elas se fundem num só conjunto, a migração colonizadora.

A imigração em si apresenta dois aspectos fundamentais. O primeiro é qualitativo, e suscita o problema da seleção. O segundo é de natureza puramente quantitativa. Nenhum dos dois envolve, a bem dizer, aspectos geográficos de localização.

O aspecto qualitativo, um dos mais fundamentais nas diretrizes de política imigratória do país, repousa na orientação dada pelo govêrno sobre a conveniência no recebimento de tal ou qual imigrante, selecionando-o de acôrdo com a sua etnia, suas condições de sexo, idade, estado sanitário, ocupação profissional, composição familiar, etc.

É geralmente formulado na lei que rege a matéria e que, entre nós, se exprime da seguinte maneira, no artigo 2.º do Decreto-lei n.º 7 967, de 18 de setembro de 1945, que regula o assunto:

"Art. 2.º — Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência européia, assim como a defesa do trabalhador nacional".

As outras condições de seleção também se acham configuradas na mesma lei, em seu artigo 11, onde se encontra a enumeração dos impedimentos à concessão de vistos, sejam de natureza sanitária ou de

ordem social. Quanto à parte profissional, não existe mais na legislação vigente a preferência concedida aos agricultores pela legislação anterior, tendo em conta que o nosso país, rapidamente, se está industrializando e que a mão de obra especializada, indispensável a esse processo de industrialização está em pé de igual importância com a imigração puramente agrícola. Aliás, a política de povoamento dos núcleos de civilização da zona pioneira exige também, como todos já devem ter sentido, a existência de uma população urbana que possa atender às necessidades da população rural dos arredores.

Quanto ao aspecto quantitativo é matéria de ordem constitucional. Presentemente, vigora ainda a Constituição de 1937 que continuou, como a de 1934, a impor a quota de 2 % dos imigrantes de qualquer nacionalidade, entre os da mesma nacionalidade aportados ao Brasil nos cinquenta anos de 1884 a 1933. Nas discussões da Assembléia Constituinte, contudo, nota-se uma tendência mais liberal, cristalizada em várias emendas, algumas das quais prevêm a eliminação das quotas, enquanto outras propugnam a manutenção de quotas periodicamente fixadas pelo Legislativo quanto à imigração espontânea, isentando de quaisquer restrições numéricas a imigração dirigida, como tal considerada aquela que o Poder Público promover e selecionar.*

De um modo geral, pode-se dizer que o processo da imigração se inicia com a seleção do imigrante em seu país de procedência, continua através da primeira triagem efetuada pela autoridade consular que concede o visto para o Brasil, prossegue através das várias cadeias de transporte terrestre e marítimo até à chegada ao primeiro porto brasileiro a que se destina, onde é feita a segunda triagem e finalmente autorizado o seu desembarque. Daí, segue o imigrante para a hospedaria onde permanece o período indispensável aos seus primeiros contactos com o país que o recebe, sendo então encaminhado ao ponto de destino, compatível com a ocupação que veio exercer no Brasil, seja agrícola, seja industrial. A execução de todo esse sistema complexo, que requer ajustes delicados pela multiplicidade de órgãos executivos, esparsos pelos diversos Ministérios na órbita do governo federal e, na órbita estadual, através das repartições competentes em todos ou quase todos os Estados, é coordenada, orientada e superintendida pelo Conselho de Imigração e Colonização, diretamente subordinado ao presidente da República, e cujas atribuições, muito amplas, o tornam a cúpula de todo o sistema imigratório e colonizador em nosso país.

Presentemente, através do Conselho, o governo estuda a melhor forma de permitir que o Brasil se aproveite da excepcional situação criada pela guerra para receber fortes contingentes imigratórios europeus, selecionados devidamente, conforme as conveniências nacionais. Tudo parece indicar que negociações nesse sentido serão levadas a bom termo, permitindo um planejamento seguro e uma execução eficiente dos

* Depois desta conferência, foi promulgada a Constituição vigente, de 18 de setembro de 1946. Nela, o assunto em apreço está regulado pelo art. 162, que reza: "Art. 162. A seleção, entrada, distribuição e fixação de imigrantes ficarão sujeitas, na forma da lei, às exigências do interesse nacional. Parágrafo único. Caberá a um órgão federal orientar esses serviços e coordená-los com os de naturalização e de colonização, devendo nesta aproveitar nacionais".

serviços relacionados com a solução de tão magno problema para a nacionalidade. A localização desses imigrantes também está sendo cuidada, sendo provável contudo que, pelo menos no primeiro ano, sejam localizados nas regiões Leste Meridional, Sul e Centro-Oeste de nosso país.

Encerrando esta palestra, desejaria fazer aos técnicos que me ouvem e que, em sua maioria, estão em virtude de suas funções, intimamente ligados, nos vários Estados do Brasil, às questões relacionadas com terras, imigração e colonização, algumas sugestões de caráter prático, que muito facilitarão a tarefa daqueles a quem incumbe planejar e a quem cabe responsabilidade de executar a política imigratória e colonizadora do Brasil.

Solicito-lhes que iniciem, nos seus respectivos Estados, ou prossigam, caso já os tenham começado, os estudos básicos destinados a permitir que, em cada um deles, possa ser fomentada a imigração, quer estrangeira, quer interna, conforme as conveniências o indicarem, e que sejam coligidos os elementos basilares e apresentadas ao Conselho de Imigração e Colonização as sugestões concretas destinadas a intensificar a colonização do território. Para este fim, tendo em vista as diretrizes gerais acima apontadas, poderão escolher e estudar as glebas que deverão ser destinadas à colonização, orçar os serviços necessários e encaminhar o resultado de seus estudos ao órgão central aqui no Rio, com as sugestões ou com as solicitações indispensáveis, lembrando-se sempre de que a cooperação entre as várias esferas de governo e a iniciativa particular é imprescindível se quisermos levar avante os projetos de ocupar definitivamente o nosso território, enchendo os vazios demográficos, a fim de que, no mundo de amanhã, o Brasil seja uma grande potência, o que está perfeitamente dentro das suas possibilidades, e que nós lhe desejamos no íntimo dos nossos corações. Somente pelo trabalho árduo, anônimo embora, com o qual contribuiremos para alcançar tal *desideratum*, ter-nos-emos mostrado dignos da imensa herança de uma pátria una que nos legaram nossos antepassados, e cuja grandeza só poderá ser exaltada por um povoamento intenso, racional e adequado, que será o tesouro mais precioso que possamos transmitir aos nossos pósteros, permitindo, assim ao nosso estremecido Brasil cumprir, ao longo de todo o futuro, os seus altos destinos.

★

RÉSUMÉ

L'auteur, Monsieur Dr. ARTUR HEHL NEIVA, dans la Conférence prononcée à l'Assemblée du Conseil National de Géographie, au mois de Juillet 1946, a commencé par faire des considérations à propos de la position de la géographie comme science sociale et de son évolution dans ce sens. L'aspect géographique prend ainsi une importance fondamentale pour l'étude de tous les problèmes sociaux. L'auteur après avoir établi le critérium scientifique par lui adopté, passe à étudier les hypothèses qui ont été avancées sur l'immigration des peuples qui ont habité pour la première fois l'Amérique du Sud. L'influence du milieu comme cause déterminante des migrations primitives doit cependant être prise en considération. Le fait des portugais avoir été les premiers à toucher les côtes du Brésil, provient certainement de la situation géographique occupée par le Portugal dans la Péninsule Ibérique. D'autres circonstances liées à la navigation et à la découverte du Brésil proviennent également des conditions climatiques et des connaissances géographiques qui dominaient en cette époque. La colonisation qui s'est faite au long de la côte, ainsi que les premières cultures, sont le fruit du milieu bio-géographique. L'auteur, en continuant, analyse les faits qui ont contribué d'une manière importante dans l'évolution du peuplement du Brésil, comme les "bandeiras" en donnant les causes directes ou indirectes qui résultaient de l'imposition du milieu géographique à l'adaptation de l'homme. Lorsque le mouvement migratoire commença à se faire sentir, les facteurs purement géographiques commen-

cèrent à perdre leur influence et cédèrent leur place aux facteurs économiques, liés principalement aux transports. A côté de ces facteurs il faut prendre en considération: le sol et le climat. Les cartes de la densité et de la distribution de la population du Brésil traduisent très bien les tendances sus-mentionnées. L'auteur cherche à interpréter la distribution actuelle de la population ayant en vue la tendance de l'expansion de celle-ci vers l'intérieur. Mais, l'auteur trouve qu'en réalité cette expansion provient du déplacement de la frontière économique qui tend à s'égaliser à celle de la politique. Finalement, l'auteur donne, suivant son opinion et en se basant sur les méthodes modernes de colonisation, l'orientation qu'il faudrait suivre dans le mouvement colonisateur. L'auteur montre, en concluant, que ce problème est indissolublement lié à l'immigration et offre plusieurs suggestions sur la politique la plus avantageuse à suivre pour le Brésil.

RESUMEN

En esta conferencia pronunciada ante la Asamblea General del Consejo Nacional de Geografía, en julio de 1946, el autor, ARTUR HEHL NEIVA hace, en primer lugar, consideraciones generales sobre la posición de la Geografía como ciencia social, posición esta que cada vez se acentúa más en su evolución. El aspecto geográfico asume, por lo tanto, una importancia fundamental en el estudio de cualquier problema social. Hechas estas consideraciones preliminares en que justifica el criterio científico que preside su estudio, el autor entra a examinar las hipótesis lanzadas sobre las inmigraciones de pueblos que habrían poblado originariamente las tierras de la América del Sur. Sin embargo, en modo alguno puede despreciarse la imposición del medio como factor preponderante de esas inmigraciones primitivas. El hecho de haber sido los portugueses los primeros a aportar aquí, préndese también a una contingencia geográfica; favorecidos por la localización de Portugal en la Península Ibérica. Otras circunstancias de las navegaciones y del descubrimiento del Brasil, se deben igualmente a condiciones climáticas y a los conocimientos geográficos imperantes en la época. La colonización a lo largo de la costa así como el desarrollo de los primeros cultivos, fueron fruto del medio bio-geográfico. Prosiguiendo en esta orden de consideraciones el autor analiza otros episodios notables en la evolución demográfica brasileña, como las "bandeiras", investigándoles las causas inmediatas o mediatas en los imperativos impuestos por el medio geográfico a la adaptación del hombre. Con el inicio del movimiento migratorio propiamente dicho, los factores estrictamente geográficos van cediendo el paso a los de índole económica, sobre todo relacionados con el sistema de transportes. Al par de los transportes, los otros elementos que intervienen en el proceso de inmigración colonizadora que deben ser tomados en cuenta, son: el clima y el suelo, la densidad y distribución de la población brasileña, tal como lo atestan los mapas demográficos, reflejan esos desenvolvimientos y tendencias anteriores. Luego encara el autor el cuadro de la población brasileña teniendo en cuenta su expansión hacia el *winterland*. Dice que en verdad se trata de un deslocamiento de la frontera económica que visa igualar a la política. Finalmente, traza las directrices que opina más convenientes para procesar ese avance colonizador por medio de métodos modernos. Muestra, por último, como este problema se liga indisolublemente a la inmigración, y ofrece varias sugerencias sobre la política inmigratoria más ventajosa para el Brasil.

RIASSUNTO

Conferenza tenuta in luglio 1946 dinanzi l'Assemblea Generale del Consiglio Nazionale di Geografia. L'autore ARTUR HEHL NEIVA comincia col porre in rilievo la crescente importanza della Geografia come scienza sociologica, affermando che nello studio di qualsiasi problema sociale è essenziale l'indagine sull'aspetto geografico di esso.

Svolgendo, poi, il suo tema, d'accordo con codesta premessa, espone criticamente le varie ipotesi proposte sulle correnti immigratorie che avrebbero recato le popolazioni primitive all'America Meridionale. Egli dichiara che non si devono dimenticare le condizioni attinenti all'ambiente, le quali, forse, costituirono i principali fattori di codeste immigrazioni; ed osserva che, del resto, lo stesso primato dei Portoghesi nella scoperta del Brasile derivò dalla circostanza geografica della posizione favorevole del loro paese nella Penisola Iberica. Anche episodi particolari delle navigazioni e di codesta scoperta si ricollegano con condizioni di clima e con le conoscenze geografiche di quel tempo. La colonizzazione della fascia costiera e lo sviluppo delle prime coltivazioni dipesero dall'ambiente bio-geografico.

Continuando, secondo la stessa direttiva, l'autore esamina altre importanti tappe del popolamento, come le spedizioni di pionieri che aprirono le vie verso l'interno del paese ("bandeiras"), rintracciandone i fattori, diretti od indiretti, nelle condizioni imposte dall'ambiente geografico all'adattamento dell'uomo.

Con l'inizio del movimento migratorio di masse, i fattori strettamente geografici passano in seconda linea, mentre divengono predominanti i fattori economici, e specialmente quelli relativi ai trasporti; ma il clima ed il suolo continuano ad esercitare grande influenza sullo sviluppo dell'immigrazione e della colonizzazione del paese. La densità e la distribuzione della popolazione, illustrate dai cartogrammi demografici, riflettono tale sviluppo e la situazione anteriore.

In seguito, l'autore traccia il quadro attuale della popolazione del Brasile, riferendosi in special modo all'espansione verso l'interno — spostamento dei confini economici verso i confini politici — e indicando le direttive che egli giudica più adatte per lo svolgimento di quest'avanzata con metodi moderni di colonizzazione. Al problema accennato è legato quello dell'immigrazione; che l'autore esamina, esponendo le sue vedute sulle soluzioni più convenienti.

SUMMARY

In this speech delivered before the General Assembly of the National Department of Geography in July 1946, the author ARTUR HEHL NEIVA first of all, makes general statements about geography being a social science, a position which becomes clearer with its evolution. The geographical aspect then of any social problem is of fundamental importance. Having made that preliminary surmise, in which he justifies the scientific criterion which dominates his study, he begins to examine the hypotheses that have been advanced about the migration of people that could have originally populated the land of South America. By no means, may one scorn the influence of environment as a preponderant factor of those early migrations. The fact that the Portuguese were the first to land here, however, is also attached to a

geographical fact — the location of Portugal in the Iberian Peninsula. Other circumstances of navigation and the discovering of Brazil were due partly to the climatic conditions and partly to the geographical knowledge of that time. The colonization along the coast, as well as the development of the first cultivations, was the result of bio-geographical circumstances. Continuing along those lines, the author analyzes other important episodes in Brazilian demography, such as the "bandeiras" (pioneers), searching for the direct or indirect effects on man of his geographical surroundings.

Beginning with the migratory movement, strictly speaking, the rigorously geographical factors are superseded by economic factors, especially those related to the methods of transportation. Along with transportation, the other salient elements in connection with immigration by colonization that need to be taken into account, are: climate and soil. The density and distribution of Brazil's population, such as shown on demographic maps, reflect those developments and aforesaid tendencies. The author then looks directly at the present picture of Brazil's population, keeping in mind its expansion toward the hinterland. He explains that it is really a question of a deslocation of the economic front which will later create a dislocation of the political front. Finally, he sketches the plan that he believes best for carrying out this population according to the modern methods of colonization. He shows how this problem is unbreakably linked to immigration and offers various suggestions about the most advantageous immigration policy for Brazil.

ZUSAMMENFASSUNG

In diesem Vortrag, der vor der Generalversammlung des Nationalen Rates für Erdkunde im Juli 1946 gehalten wurde, behandelt der Verfasser ARTUR HEHL NEIVA zuerst allgemeine Betrachtungen über die Stellung der Erdkunde als soziale Wissenschaft, Stellung die immer wichtiger wird. Der geographische Gesichtspunkt gewinnt daher immer grössere Bedeutung zum Studium irgend eines sozialen Problems. Von dieser Voraussetzung aus, welche seine wissenschaftliche Auslegungen rechtfertigt, die er besonders in dem Studium über die Einwanderung der verschiedenen Völker in den Ländern von Südamerika anwendet, geht der Verfasser dann zu weiteren Folgerungen über. Auf keinen Fall kann in diesem Studium der Einfluss der Umgegend als wichtigster Faktor dieser primitiven Einwanderung vergessen werden. Die Tatsache, dass die Portugiesen die ersten waren, die hier landeten, ist auch auf geographische Bedingungen zurückzuführen, da sie durch die Lage der Iberischen Halbinsel begünstigt waren. Andere Umstände der Schifffahrt und die Entdeckung Brasiliens sind auf klimatische Bedingungen und geographische Entdeckungen jener Zeit begründet. Nachdem er noch weitere Beobachtungen in derselben Art macht analysiert der Verfasser andere bedeutende Vorfälle in der demographischen Entwicklungen Brasiliens, wie die Bandeiras; er erwähnt auch die Gründe, welche durch die geographische Umgebung bedingt sind. Mit der eigentlichen Immigration, welche die reinen geographischen Gründe in diesem Fall den wirtschaftlichen, die auch mit der Frage des Transportes zusammenhängen. Neben dem Transport sind die anderen wichtigen Vorbedingungen im Bezug einer Kolonisation das Klima und der Boden. Die Dichte und Verteilung der brasilianischen Bevölkerung, so wie sie in den Statistiken gezeigt werden, beweisen diese Entwicklungen und Tendenzen. Der Verfasser bemüht sich das jetzige Bild der brasilianischen Bevölkerung zu zeigemit Berücksichtigung seiner Entwicklung nach dem Hinterland. Er erklärt, dass es sich eigentlich um eine Verschiebung der wirtschaftlichen Grenzen handelt, wobei versucht wird, sie mit den politischen in Einklang zu bringen. Zum Schluss zeigt er die, nach seiner Meinung besten Richtlinien, um diesen Prozess der kolonialen Entwicklung im Einklang mit den modernen Methoden der Kolonisation zu verwirklichen. Als Schluss beweist er, dass diese Problem engstens und unlösbar mit dem der Einwanderung verquickt ist und gibt verschiedene Ideen über die Politik der Einwanderung, wie sie am besten für Brasilien ist.

RESUMO

En tiu ĉi parolado legita ĉe la Generala Kunsidantaro de la Nacia Konsilantaro de Geografio, en julio 1946, la aŭtoro, ARTUR HEHL NEIVA, faras unue generalajn konsiderojn pri la pozicio de la geografio kiel socia scienco, pozicio kiu pli kaj pli reliefigas en ĝia evoluado. La geografia aspekto ekprenas tial fundamentan gravecon por la studo de tiu ajn socia problemo. Dirinte tiujn preparajn vortojn, per kiuj li pravigas la sciencan kriterion, kiu direktas lian studon, la aŭtoro ek esploras la hipotezojn prezentitajn pri la enmigraĵoj de popoloj, kiuj eble loĝatigis primitivajn regionojn de Sudameriko. Sed neniel oni povas ne konsideri la trudon de la medio kiel pliiinfluan faktoron de tiuj originaj enmigraĵoj. La fakto, ke la portugaloj estis la unuaj, kiuj alvenis tien ĉi, rilatas ankaŭ al geografia eventualaĵo, pro tio ke ili estis favoritaj de la situacio de Portugalujo en la Ibera Duoninsulo. Aliajn cirkonstancojn pri la navigacioj kaj pri la eltrovo de Brazilo oni same ŝuldas al klimataj kondiĉoj kaj al la geografiaj kondiĉoj regantaj en la epoko. La kolonigado laŭlonge de la marbordo, same kiel la kreskado de la unuaj kulturoj, estis frukto de la biogeografia medio. Daŭrigante tiajn konsiderojn, la aŭtoro analizas aliajn okazintaĵojn rimarkindajn en la brazila demografia evoluado, kiel la explorekspediciojn; kaj li serĉas iliajn senperajn aŭ perajn kaŭzojn en la diktaĵoj altruditaj de la geografia medio al la adaptigo de la homo. Kun la komenco de la ĝustasenca migra moviĝado, la rigore geografiaj faktoroj cedadas la lokon en tiu kampo al la ekonomiaj faktoroj, kiuj rilatiĝas precipe kun la sistemo de transportoj. Kune kun la transportoj la aliaj elementoj intervenantaj en la proceso de enmigraĵo kaj kolonigado, kiuj devas esti konsiderataj, estas: la klimato kaj la grundo. La denseco kaj distribuado de la brazila loĝantaro, tiaj kiaj ili estas elmontritaĵoj de la demografiaj kartoj, esprimas tiujn antaŭajn elvolviĝojn kaj tendencojn. La aŭtoro klopodas por ekzameni la nunan vidaĵon de la brazila loĝantaro konsiderante ĝian ekspansion al la internlando. Li klarigas ke verdire temas pri delokiĝo de la ekonomia landlimo kun la celo egaligi tiun ĉi al la politika limo. Fine li skizas la gvidliniojn, kiun li opinias plej taŭgaj por procesi tiun kolonigan antaŭeniron laŭ la modernaj metodoj de kolonigado. Laste li montras kiel tiu problemo nerompeble ligiĝas al la enmigraĵo, kaj li prezentas diversajn sugestojn pri la enmigra politiko plej profitdona al Brazilo.